

Boletim Edição 04, Janeiro – Março de 2009

INFORMATIVO

Restituição da contribuição dos Estados Unidos da América ao UNFPA impulsiona a saúde e direitos da mulher

A medida tomada pelo Presidente Obama, de restituir a contribuição dos Estados Unidos da América (EUA) ao UNFPA, Fundo das Nações Unidas para a População, recorda ao mundo o seu compromisso em prol da saúde, direitos e igualdade da mulher, disse a Directora Executiva do UNFPA, Thoraya Ahmed Obaid.

“Este (12 de Março) é um dia memorável para as mulheres, raparigas e suas famílias em todo o mundo”, disse Obaid. “Elogiamos calorosamente a medida adoptada pelo Presidente Obama, que destaca o seu apoio à protecção da vida e dignidade humana das mulheres e raparigas nos países mais pobres”.

A nova contribuição de 50 milhões de dólares americanos, recentemente aprovada pelo Congresso, marca a restituição do apoio dos EUA ao UNFPA, suspenso em 2002.

Segundo Obaid, “este é um apoio muito necessário que vai permitir ao UNFPA manter o seu trabalho de salvar vidas, particularmente na melhoria da saúde materna e reprodutiva, nas comunidades mais pobres do mundo, especialmente nesta altura de crise financeira”.

A contribuição dos EUA apoiará a formação de parteiras para que os partos



Contribuição americana vai ajudar o UNFPA a melhorar a saúde materna e reprodutiva

sejam mais seguros em países como Bangladesh e Laos; disponibilização de bens de saúde a hospitais da Etiópia e Honduras; apoio ao tratamento das fistulas obstétricas na Mauritânia, Níger e outros; resposta às necessidades especiais das mulheres em situações de crises na República Democrática do Congo e Gaza; e prevenção de HIV entre os jovens do Haiti e Malawi.

A decisão tomada pelo Presidente Obama representa o cumprimento da promessa por ele feita nos primeiros dias do seu mandato.

“Elogiamos calorosamente a medida adoptada pelo Presidente Obama, que destaca o seu apoio à protecção da vida e dignidade humana das mulheres e raparigas nos países mais pobres”, Thoraya Obaid.

“Espero trabalhar com o Congresso para restituir o apoio financeiro americano ao Fundo das Nações Unidas para a População”, disse o Presidente Obama a 23 de Janeiro do corrente. “Ao retomar o financiamento ao UNFPA, os EUA juntam-se a outros 180 países doadores que colaboram para a redução da pobreza, melhoria da saúde das mulheres e crianças, prevenção de HIV e SIDA, e oferecem assistência em planeamento familiar à mulheres de 154 países”.

“Estamos profundamente satisfeitos por os Estados Unidos, uma vez mais, tomarem a liderança na promoção da saúde e directos reprodutivos da Mulher juntando-se a outros tantos países e parceiros que têm nos apoiado ao longo de anos”, disse Obaid.

Nações Unidas apelam à acção para travar a violência contra a mulher

O Sistema das Nações Unidas em Moçambique assinalou o 8 de Março, Dia Internacional da Mulher, com um apelo à acção pelo fim da violência contra a mulher.

“Exortamos a todos os líderes políticos, comunitários e religiosos a oporem-se à violência a que estão sujeitas as mulheres e raparigas, e a estabelecerem um debate

aberto sobre o assunto”, lê-se na mensagem emitida pelas Nações Unidas.

A organização sublinha que os líderes políticos, religiosos, comunitários, tradicionais e da sociedade civil devem aprovar e aplicar leis para que os perpetradores sejam julgados, e

continua na pág.2

Nesta edição

- ❖ Nações Unidas apelam à acção para travar a violência contra a mulher
- ❖ “Malta Biz” promove diálogo sobre saúde sexual e reprodutiva na televisão em Quelimane
- ❖ “Ser activista é ser uma pessoa pronta para lutar por um mundo melhor”, diz a activista Adelina Tiroso

Missão do UNFPA

O UNFPA, Fundo das Nações Unidas para a População, é uma agência de cooperação internacional para o desenvolvimento, que promove os Direitos de cada mulher, homem e criança para que desfrutem de uma vida sã, com igualdade de oportunidades para todos. O UNFPA apoia os países na utilização de dados sócio-demográficos para a formulação de políticas e programas de redução da pobreza, e para assegurar que toda a gravidez seja desejada, todos os partos sejam seguros, todos os jovens estejam livres do HIV/SIDA e todas as raparigas e mulheres sejam tratadas com dignidade e respeito. *UNFPA – porque todos contam*

continuação da pág. 1

proporcionar serviços de saúde e apoio social aos sobreviventes.

O lema das celebrações do 8 de Março foi “Mulheres e homens: Unidos pelo fim da violência contra a mulher”.

Para as Nações Unidas, a violência contra as mulheres e raparigas não é um problema das mulheres: é um problema que compete e afecta a todos, daí que seja altura para que homens e mulheres, rapazes e raparigas colaborem para pôr fim às vergonhosas violações dos direitos humanos.

“Nenhum costume, nenhuma tradição e nenhuma religião podem justificar um tratamento cruel e degradante”, dizem as Nações Unidas, em alusão à situações em que tais argumentos são usados para propalar a violência contra a mulher.

As Nações Unidas renovam também o interesse em apoiar os esforços do Governo e da Sociedade Civil para a eliminação de todas as formas de violência contra a mulher.

Ao nível mundial, uma em cada cinco mulheres é vítima da violência ou de

tentativa de violência ao longo da sua vida. Metade dos casos de homicídio contra mulheres é por parceiros actuais ou ex-companheiros. Para as mulheres de 15-44 anos, a violência é a principal causa da morte ou incapacidade.



Marcha por ocasião de 8 de Março em Maputo liderada pelo Fórum Mulher

Em Moçambique, pelo menos, mais de metade das mulheres são vítimas da violência. Apesar de esforços do Governo e Sociedade Civil, muitos desses casos não são devidamente encaminhados ou punidos.

Estudos indicam que a violência afecta negativamente os esforços para a redução da pobreza, destrói a capacidade de produção e a saúde das mulheres, impede as raparigas de estudarem, e conduz à feminização de HIV e SIDA.

O apelo das Nações Unidas em Moçambique está alinhado com a campanha “Unidos pelo fim da violência contra a Mulher”, lançada, em 2008, pelo Secretário-Geral das Nações Unidas, Ban Ki-Moon, para sensibilizar as sociedades, aumentar a vontade política e os recursos para prevenir e combater todas as formas de violência contra a mulher e rapariga ao nível global. Propositadamente, essa campanha termina em 2015, na mesma altura que o prazo de implementação dos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio.

As Nações Unidas consagraram o 8 de Março como Dia Internacional da

Mulher em 1975, mas a sua história remota de 1857, em homenagem a mulheres trabalhadoras da indústria têxtil, que protestaram as más condições de trabalho e baixos salários, em Nova Iorque.

Em Quelimane

“Malta Biz” promove diálogo sobre saúde sexual e reprodutiva na televisão

“Malta Biz” é o nome de um programa juvenil que a Televisão de Moçambique (TVM) apresenta, desde Outubro de 2008, todas as quartas-feiras, as 18:00 horas, em Quelimane, Zambézia. É um programa sobre saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes e jovens, apoiado pelo Programa Geração Biz. Dois jovens activistas do “Geração Biz” apresentam o programa: Edith Encarnação, 17 anos, estudante da 12ª Classe, na Escola Pré-Universitária 25 de Setembro; e César Carlos, 17 anos, estudante da 12ª Classe na Escola Pré-Universitária Patrice Lumumba:



César e Edith: “...com o programa conseguimos colocar os pais e os filhos a falarem abertamente sobre sexo seguro, HIV e direitos da mulher”.

Pergunta (P): O que é “Malta Biz”?

Edith: “Malta Biz” é um programa feito de jovens para jovens. Neste programa nós trazemos informação correcta sobre a saúde reprodutiva dos jovens e adolescentes, visto que nesta fase eles têm tido muitas dificuldades e precisam de compreender, por exemplo, as mudanças

do seu próprio corpo. O programa surgiu porque vimos que os jovens precisam de informação para não cometerem erros que podem complicar o seu crescimento.

César: Quando falamos de problemas que podem complicar a vida, referimo-nos a gravidezes precoces ou doenças de transmissão sexual.

P: Como é que escolhem os temas?

Edith: Os próprios jovens telespectadores é que mandam as perguntas e nós procuramos as respostas. Muitas perguntas são sobre curiosidades que têm a ver com o crescimento deles, sobre as dúvidas que têm no relacionamento com os pais ou quando começam a namorar. Recolhemos também as preocupações dos jovens por carta e nos encontros dos activistas do “Geração Biz”. Em cada programa há um especialista que fala de um assunto e responde às preocupações dos jovens. Durante a emissão, os jovens ligam e o especialista responde.

“Geração Biz” contribuiu para a criação de 220 serviços clínicos amigos dos jovens, atinge cerca de 3.6 milhões de jovens dentro e fora da escola, e conta com 7.345 educadores de pares ou activistas nas escolas e comunidades”

continua na pág.3

continuação da pág.2

P: Vocês aprendem muito fazendo o programa...

César: Sim, o programa é uma grande escola para nós. Nós temos aprendido todos os dias. Cada edição tem assuntos novos. Isso é um desafio interessante para nós.

Edith: Para fazermos bem o programa, é muito importante que tenhamos a informação certa sobre os assuntos tratados, porque mesmo na rua, as pessoas fazem perguntas e esperam respostas que façam sentido.

César: Nós, antes de qualquer programa, reunimos com o assessor, coordenadores e activistas do “Geração Biz” para discutir o que vamos falar. Temos lido muito sobre os temas tratados pelo “Geração Biz”. Usamos também a experiência que temos para fazer o programa. Eu, por exemplo, antes do programa de televisão, era Presidente do Parlamento Infantil na província, e fazia um programa na Rádio Paz. Os temas que apresentamos no “Malta Biz” já vinha abordando no Parlamento e na rádio.

Edith: Sem essa leitura, o nosso trabalho não podia ter bons resultados. O programa é mesmo uma aprendizagem contínua.

P: ...e já são muito conhecidos na cidade...

Edith: (risos) As pessoas reconhecem-nos na rua e dão muita força. Dão também dicas para melhorar o programa. Muitas pessoas acham que o programa é educativo e útil para os jovens. Mas o facto de falarmos na televisão não nos faz perder a cabeça. Sinto que somos apenas a ponte entre os jovens e os especialistas.

César: Mas não podemos esconder que ficamos populares. Por exemplo, graças ao programa de TV já fomos convidados a apresentar eventos nas escolas. Isso é gratificante. Em casa, na sala de aulas, com os amigos do bairro continuamos na mesma.

P: O que gostam mais ao fazerem este programa?

Edith: Eu gosto do facto de o programa ajudar os jovens a apresentarem as suas preocupações sem rodeios. Graças ao “Malta Biz”, muitos jovens ouvem as preocupações de outros e procuram os SAAJs (serviços amigos do adolescente e jovem) para obterem aconselhamento de especialistas.

César: Fico feliz por saber que a partir de um programa de televisão ajudamos a resolver as preocupações de jovens como nós. Acho também que com o programa conseguimos colocar os pais e os filhos a falarem abertamente sobre sexo seguro,

“Muitas pessoas acham que o programa é educativo e útil para os jovens. Mas o facto de falarmos na televisão não nos faz perder a cabeça. Sinto que somos apenas a ponte entre os jovens e os especialistas”, Edith



Emissão “ao vivo” de Malta Biz

HIV e direitos da mulher.

Edith: Sinto que a minha vida mudou desde que comecei a apresentar o programa. Estou mais enriquecida em termos de saúde sexual.

P: Quais são os vossos sonhos?

Edith: Eu gostaria de continuar a fazer televisão. Gostaria de seguir agronomia, medicina ou psicologia. Gostos das disciplinas relacionadas com esses cursos, e acho que são cursos que o país precisa.

César: Adorava continuar a fazer televisão. Gostaria de estudar ciências jurídicas, porque gosto de resolver conflitos. No Parlamento Infantil já fazia isso, e neste programa de televisão falamos dos problemas da sociedade e ajudamos a encontrar soluções.



O Programa Geração Biz, cujo objectivo é a promoção de saúde sexual e reprodutiva de adolescentes e jovens, incluindo a prevenção de HIV e SIDA, foi

lançado em 1999 como iniciativa conjunta do Governo de Moçambique e do Fundo das Nações Unidas para a População, UNFPA.

Está integrado na resposta nacional para as necessidades de saúde sexual e reprodutiva de adolescentes e epidemia do HIV e SIDA.

O Programa dota os jovens (10 aos 24 anos) dentro e fora da escola de conhecimentos, habilidades de vida, e facilita o acesso a serviços de qualidade, para que adoptem comportamentos saudáveis em relação à sua própria Saúde Sexual e Reprodutiva, e evitem a incidência de gravidezes prematuras, infecções de transmissão sexual, HIV e SIDA.

Cobrindo todo o país, desde 2007, “Geração Biz” contribuiu para a criação de 220 serviços clínicos amigos dos jovens, atinge cerca de 3.6 milhões de jovens dentro e fora da escola, e conta com 7.345 educadores de pares ou activistas nas escolas e comunidades.

Espera-se que até 2009 o programa atinja, pelo menos, 60 por cento de jovens moçambicanos dos 10 aos 24 anos.

“Geração Biz” foi distinguido pelo Banco Mundial como uma das melhores iniciativas globais de luta contra a pandemia.

Implementado pelos ministérios da Educação e Cultura, Juventude, Desportos e Turismo, e Saúde, além de organizações da sociedade civil, “Geração Biz” é financiado pelos Governos da Dinamarca, Noruega, Suécia e Fundo das Nações Unidas para a População, que é gestor programático e financeiro.

“Ser activista é ser uma pessoa pronta para lutar por um mundo melhor”

Adelina Tiroso

“Chamo-me Adelina Tiroso. Nasci, no dia 20 de Agosto de 1983, em Mocuba, filha de Ebrinho Tiroso e de Efigénia Media. A minha mãe é camponesa e o meu pai é desempregado. A minha infância foi marcada pela separação dos meus pais. O meu pai antes de viver com a minha mãe tinha outra mulher e pouco depois de eu nascer voltou para ela.

Sou a segunda das quatro filhas da minha mãe. Cresci em Mocuba. Para nos alimentar, a minha mãe fazia machamba e trabalhos domésticos nas casas de particulares.

Apesar de não termos praticamente nada na vida, a minha mãe cedo ensinou-nos que a educação era importante para triunfar na vida. Ela fazia tudo para termos o mínimo e não desistirmos de estudar.

Recordo que em Mocuba, que é a segunda maior cidade da Zambézia, e é um corredor, era sempre assediada por homens que prometiam dinheiro e mais coisas em troca de sexo. Era tentador. Se aceitasse resolveria alguns problemas - na minha casa não faltavam coisas para fazer com dinheiro, mas poderia criar outros tantos e difíceis de resolver. Felizmente não caí na ratoeira deles. Já ouvia na Rádio Comunitária Licungo (RCL) programas sobre os riscos de sexo ocasional ou em troca de bens. A minha mãe também falava connosco sobre isso.

“Gosto de aconselhar aos mais novos para retardarem o início do sexo, e aos jovens para serem fieis, usarem o preservativo e fazerem o teste de HIV. Não aconselho sobre coisas que não faço”



Adelina e o cantor e activista contra SIDA Roberto Isaias após uma sessão de sensibilização sobre HIV aos jovens

Na escola gostava de actividades culturais, em particular teatro. Isso levou-me a fazer parte de um grupo de teatro que gravava peças na RCL. Isso foi em 2001. Na mesma altura ouvi falar do Programa Geração Biz, e comecei a falar das suas actividades no programa infanto-juvenil que apresentava na rádio.



“o nascimento da Priscila foi uma ocasião especial para mim”

De seguida alistei-me como activista e fui formada. Em casa, a própria minha mãe, apesar de ser muito aberta, achava que era complicado falar sobre SIDA. Era coisa de outro mundo para ela. Alguns amigos diziam que era uma perda de tempo andar nos bairros a falar sobre SIDA. Algum tempo depois eles já pediam informação.

Amor ou ilusão

Aos 17 anos comecei a namorar.

Começamos a sonhar “juntos”. “Partilhávamos” as nossas ambições. Par perfeito, julgava eu. Era pura ilusão.

Percebi a ilusão quando fiquei grávida, em 2003. A mesma pessoa que passava a vida a dizer “Adelina, eu te amo” trocou essa expressão por “essa grávida não tem nada a ver comigo”. Tentei conversar, mas não resultou. Parecia que a decisão de ter filho fora tomada unilateralmente. Até hoje não compreendo o que significa “eu te amo” na lógica dele. Senti-me traída.

A 11 de Julho de 2004, Dia Mundial da População, nasceu a minha filha. As cerimónias centrais do 11 de Julho foram em Mocuba, e a minha filha, por ter nascido às 00.10 horas, recebeu um enxoval oferecido pelo Governo. A prenda foi entregue pela então representante do UNFPA, Petra Lantz, que deu o nome de Priscila à menina.

O nascimento da Priscila foi uma ocasião especial para mim. É claro que gostaria de estar ao lado do pai, mas esse nem foi ao hospital. Já não estou magoada. Deixo-lhe ver a criança. Um dia vai reconhecer o seu erro e seria bom que passasse a mensagem

aos homens que fazem o mesmo.

Protagonismo como activista

Depois do nascimento da minha filha, assumi maior protagonismo no “Geração Biz” e na produção de programas sobre saúde sexual na rádio. Faço isso porque quero que mais jovens passem o que passei. Digo sempre que não posso apagar o passado, mas posso inspirar um futuro feliz. Explico às jovens que não bastam promessas, é preciso esperar pela melhor altura para ser mãe ou pai - concluir os estudos e trabalhar para que não falem condições básicas para a criança.

Infelizmente a vida é muito dura para as raparigas. E creio que o “Geração Biz” poderá ajudar a acabar com discriminação que elas vivem. Mesmo entre nós activistas, no início, as nossas vozes não eram ouvidas, mas quando fomos formados sobre a igualdade de género, os rapazes perceberam que estavam errados. Esses rapazes têm a tarefa de influenciar os outros.

Além de falar da igualdade de oportunidades entre rapazes e raparigas, gosto de aconselhar aos mais novos para retardarem o início do sexo, e aos jovens para serem fieis, usarem o preservativo e fazerem o teste de HIV. Não aconselho sobre coisas que não faço.

Como activista, sou de opinião de que as pessoas vivendo positivamente deveriam ter oportunidade para serem mais activas nas actividades de prevenção. Penso que deveriam participar mais nas palestras, de modo a falarem na primeira pessoa sobre este mal.

Para sobreviver, além dos programas na rádio e activismo, dou aulas. Este ano vou iniciar o curso superior de agronomia, mas não tenciono deixar de ser activista. Mesmo sem salário como activista, trabalho tranquilamente, porque a minha felicidade é saber que mudei a atitude de alguém. Para mim, ser activista é ser uma pessoa pronta para lutar por um mundo melhor”.

Eventos:

Gaza: 08 – 17 Abril – Formação de activistas do Programa Geração Biz em Massangena e Chigubo

Gaza: 11 de Abril – Reunião de balanço sobre o desempenho dos SAAJ's na província

Maputo: 28 Abril - Primeiro workshop das Comissões do YAM (Movimento de Acção Juvenil, AMODEFA), Escola Industrial 1º de Maio

Efemérides:

7 de Abril: Dia da Mulher Moçambicana; Dia Mundial da Saúde

No próximo número:

- **Conheça o programa inclusão**
- **Expansão do programa de género**